

FUNÇÕES DA ESCRITA E PRÁTICAS DE LEITURA NO CLUB RIO CONTENSE (1902-1930)

WRITING FUNCTIONS AND READING PRACTICES AT CLUBE RIO CONTENSE (1902-1930)

Joseni Pereira Meira Reis 1

Resumo: Este trabalho buscou identificar e analisar as funções da escrita e da leitura, bem como a sociabilidade que se estabeleceu em torno dessa produção no Club Rio Contense, entre os anos de 1902 e 1930. A instituição foi fundada em 1902 com o objetivo de ser espaço de sociabilidade dos indivíduos pertencentes à elite econômica, política e cultural, promovia também ações assistencialistas na cidade de Rio de Contas-Bahia. Trata-se de uma pesquisa histórica que utilizou e analisou documentos do Club que se encontram no Arquivo Público da cidade. Os estudos realizados no âmbito da história cultural, da história da educação e da cultura escrita orientaram a pesquisa teórica e metodologicamente. A pesquisa constatou que, no Club, a escrita e a leitura atendiam a especificidades próprias relacionadas às funções administrativas, financeiras, sociais e culturais. Além de realizar atividades de formação e instrução, realizou também obras assistencialistas em atendimento aos necessitados.

Palavras-chave: Club Rio Contense. Cultura Escrita. Século XX.

Abstract: This work sought to identify and analyze the functions of writing and reading, as well as the sociability that was established around this production at Club Rio Contense, between the years 1902 and 1930. The institution was founded in 1902 with the aim of being a center sociability of individuals belonging to the economic, political and cultural elite, it also promoted charity actions in the city of Rio de Contas-Bahia. This is a historical survey that used and analyzed Club documents that are in the city's Public Archives. Studies carried out in the context of cultural history, the history of education and written culture guided research theoretically and methodologically. The research found that, at the Club, writing and reading met their own specificities related to administrative, financial, social and cultural functions. In addition to training and instruction activities, the Club also carried out charity works to assist the needy.

Keywords: Club Rio Contense. Written Culture. 20th Century.

Introdução

Estudos recentes, realizados tanto no Brasil¹ como em outros países² sobre práticas de leitura nos séculos XIX e XX, têm mostrado que a leitura e a escrita não estavam circunscritas a uma parcela restrita da população, geralmente de indivíduos pertencentes a camadas mais abastadas, que teriam maior condição de acesso à educação formal e a livros. Até então se acreditava que indivíduos de camadas sociais mais baixas não teriam acesso a essas práticas, o que se explicava, em certa medida, pelas taxas elevadas de analfabetismo da população, associadas às formas precárias de ensino ofertado no Brasil naquele momento. Entretanto, Nelson Schapochnik (2005) destaca a importância de relativizar essas afirmações, considerando que, ao longo do século XIX, “foi implantada uma complexa rede de ‘intermediadores esquecidos’, os livreiros, impressores, encadernadores [...], que possibilitaram a passagem do texto ao livro, como também de novas bases institucionais da leitura de caráter público e privado” (SCHAPOCHNIK, 2005, p. 230). As considerações desse autor nos levam a afirmar que havia variadas práticas de leitura e escrita acontecendo no Brasil³ em diferentes instituições sociais, culturais e religiosas⁴.

Com base nesses pressupostos, tomou-se como objeto de investigação o Club literário Rio Contense, instituição criada em 1902 por um grupo restrito de homens provenientes da elite econômica, política e cultural da cidade de Rio de Contas, na Bahia, que funcionou até o ano de 1990. O Club tinha como objetivo ser um espaço para socialização, lazer, realizar atrações literárias e práticas filantrópicas. Sua criação esteve vinculada também aos interesses dessa elite, que buscava formas de implementar o desenvolvimento econômico e cultural na cidade. As motivações para isso se davam pelo fato de que a cidade foi importante centro de exploração aurífera no século XVIII, mas estava em declínio pela crise do ouro. Assim, essa elite buscava, também, manter e ampliar as redes de sociabilidade; participavam dessa sociedade pessoas que possuíam prestígio econômico e político na cidade e região. As atividades desenvolvidas no Club pautavam-se pela intensa e diversificada produção da escrita, entre as quais se destacam a produção das atas, relatórios, cartas, ofícios, cartões, entre outros escritos.

Com base nisso, este estudo teve como objetivo compreender o papel da leitura e da escrita no *Club Rio Contense*, identificando as suas funções, bem como a sociabilidade⁵ que se estabeleceu em torno da produção dessa escrita, no período entre 1902 e 1930. As questões que orientaram essa investigação foram: Como se dava o processo de participação dos sujeitos nessa instância? Quais eram as funções da escrita e da leitura no Club desenvolvidas? Quais foram as estratégias⁶ utilizadas pelo Club que favoreciam a circulação das práticas da leitura e da escrita?

Para responder a esses questionamentos, partiu-se da hipótese de que a elite do Alto Sertão baiano⁷ buscou, nas práticas culturais vinculadas ao escrito, formas de conformação de novas sociabilidades, com o objetivo de reinventar a decadente e estagnada vida na região, provocada, nos séculos XIX e XX, pelo declínio da produção aurífera.

1 Os estudos de Galvão (2006) mostram como os leitores que não tinham o domínio da leitura e escrita participavam da sociabilidade do escrito na condição de leitores-ouvintes, visto que a leitura pode compreender a audição.

2 Para períodos anteriores aos séculos XIX e XX, destaca-se o clássico estudo de Ginzburg (1987) e as formas como o moleiro Menotti, no século XII, teve contato no seu meio com leituras consideradas legítimas. Hébrard (2007) constatou que, entre os séculos XVIII e XIX, o processo de participação de Moïse na cultura escrita, um indivíduo proveniente dos meios populares, ocorreu em função dos processos de socialização.

3 Sobre as bibliotecas e sociedade literárias criadas no Brasil no início do século XIX, ver Lajolo; Zilberman (1991) e Ferreira (1999).

4 Sobre letramento em instância religiosa, ver Reis (2018).

5 Maurice Agulhon, ao descrever as práticas de sociabilidade do chamado Século das Luzes, recorre ao conceito de Norbert Elias de “civilização dos costumes”, extensivo a comportamentos como “manter contato”, “conversar com polidez”. O termo sociabilidade é empregado no sentido de uma “sociabilidade normativa, maneira de ser civilizada, isto é, verbalizada, ritual, pacífica”, que compreende um sistema ritual extensivo a relações sociais cotidianas (AGULHON, 1989, p. 54).

6 O conceito de estratégia é utilizado na perspectiva de Certeau (1994).

7 Essa era a denominação dada à região que se estende desde Rio de Contas (Chapada Diamantina) à margem esquerda do Rio São Francisco. Com a nova regionalização do estado da Bahia, a região passa a ser denominada de Centro-Sul Baiano. A cidade localiza-se a 588 Km da capital, Salvador.

Definiu-se o período da pesquisa entre 1902-1930 por se tratar das décadas iniciais de funcionamento do Club, sendo essas primeiras décadas uma fase marcada por dificuldades para a sua constituição e consolidação junto à população local e regional. A partir de 1930 ocorreram mudanças na instituição, como, por exemplo, ampliação e diversificação das ações desenvolvidas pelo Club e mudanças no perfil dos associados.

As atas, estatutos, cartas, livros de receitas e despesas, ou seja, o acervo do *Club Rio Contense*, constituíram a fonte principal da pesquisa e encontram-se no Arquivo Municipal de Rio de Contas⁸, que dispõe de documentos dos séculos XVIII, XIX e XX, provenientes dos poderes executivo, legislativo, judiciário, assim como também é composto de acervos que pertenceram a pessoas e diferentes instituições da cidade. Os estudos realizados no âmbito da história cultural, história da educação e da cultura escrita nortearam histórica e metodologicamente a pesquisa, entre os quais destacam-se os estudos de Chartier (2001, 2002) e Galvão (2007, 2010). A Cultura escrita, como um dos principais conceitos utilizados, é pensado em uma dimensão antropológica, ou seja, como produto da atividade humana, resultado das interações da vida material e simbólica dos indivíduos em uma determinada sociedade. Portanto, a cultura escrita refere-se ao “lugar que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade” (GALVÃO, 2010, p. 218). Assim, o estudo pretende contribuir para ampliar a compreensão da história da educação e da cultura escrita, mostrando que, além - da escola – outras instâncias, como, por exemplo, o *Club Rio Contense*, foram, também, responsáveis pela produção e socialização de materiais escritos, na região do Alto Sertão baiano, e do Brasil.

Para entender o papel da escrita no Club e a sociabilidade que se desenvolveu em torno da sua produção, buscou-se, no primeiro momento, localizar e situar a região, pensando nos interesses que nortearam a produção desse espaço e a configuração desses sujeitos. Num segundo momento, identificou-se como se dava a produção da escrita e quais eram as suas funções, além de identificar as práticas de leituras que aconteciam na biblioteca do Club a partir do projeto proposto pelos “homens de letras”⁹. Vejamos, então, quais eram as especificidades que caracterizavam a região denominada de Alto Sertão da Bahia.

Nos caminhos do Alto Sertão baiano

A compreensão de que a vida no Alto Sertão baiano se pautava pelo intercâmbio dinâmico e a invenção de novas práticas culturais que atendessem às especificidades locais, faz parte das novas interpretações historiográficas que vêm contrapor-se à historiografia tradicional. Para a historiografia tradicional, no período colonial, as práticas “civilizatórias” ficaram restritas ao litoral da Bahia e ao Recôncavo, enquanto no Sertão predominariam a “barbárie”, “o selvagem”, “o isolamento” e o “inculto”. Nesse sentido, Isnara Ivo (2012) relata as especificidades da colonização dos sertões:

Os sertões guardavam singularidades múltiplas, trânsitos e mobilidades e, assim como as cidades coloniais, abrigavam movimentos de pessoas e de produtos das mais diferentes partes do império ultramarino português, tal como se verificara nas áreas urbanas. [...] Os sertanistas, ao buscarem riquezas e ao acumularem grandes propriedades rurais, foram os responsáveis pelo ir e vir de práticas culturais, num trânsito intenso, até então desconhecido para os sertões naquele momento (IVO, 2012, p. 33).

8 O Arquivo foi estruturado durante a década de 1980 numa parceria entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). Em 1989 o município assumiu a responsabilidade sobre o Arquivo.

9 Segundo João Cezar Rocha, “até meados do século XVIII, o homem de letras foi um autêntico artesão da palavra, uma máquina de produzir textos”. Já no século XIX, ele se especializa nas belas-letas. “O homem de letras deixa de cuidar de todos os discursos, concentrando na produção de textos criativos, ele não trata mais de todas as áreas do conhecimento ou da experiência” (ROCHA, 2000, p. 215-216).

Vê-se, de acordo com as novas perspectivas historiográficas¹⁰, que os sertões não estavam tão isolados e perdidos do mundo dito “civilizado”, como diz a autora, mas que esses sujeitos criaram estratégias para viver e conviver com a região em meio às intempéries. As novas interpretações nos possibilitam entender que nem todas as pessoas que residiam na região se dedicavam às mesmas atividades econômicas e culturais. Havia, certamente, aqueles que, mesmo em menor proporção, criaram formas de sociabilidades em torno do escrito, forjaram e reinventaram as atividades voltadas às práticas letradas. Assim, interessa-nos conhecer: quais eram essas práticas letradas? Como se davam? Ou, como afirmou Darnton (1992, p. 217), conhecer os “comos” e os “por quês” das leituras, embora, conforme o próprio autor coloca, essas questões nos “escapem”, permaneçam meio fugidias para o pesquisador conseguir deslindar os meandros que caracterizavam as práticas leitoras, entretanto não é impossível detectá-las. Mas, saber do lugar em que elas aconteciam nos permite entender os meandros dessa produção e suas relações; como ponderou Darnton, é a partir do “onde” da leitura, pois a “contextualização do leitor em seu espaço pode fornecer indícios sobre a natureza de sua experiência” (DARNTON, 1992, p. 218).

Minas do Rio de Contas¹¹ exerceu, no século XVIII, principalmente a partir de 1718, relevante papel econômico, político e social na região. Seu território era constituído de 82 municípios, compreendia uma área de terras desde Jacobina até a margem direita do Rio São Francisco. Em função de ter sido “grande o crescimento da mineração e o aumento da população, gerando prosperidade para o local, o referido arraial foi elevado a sede de Freguesia do Alto Sertão Baiano ou Sertão de Cima” (ARAKAWA 2006, p. 28). No século XIX, a cidade se destacava na educação, principalmente, com a presença de professor régio de latim, além de contar com número considerável de aulas públicas (TAVARES, 2001-2002).

Entretanto, no século XIX, com a decadência da atividade mineradora, a cidade viveu uma fase de estagnação econômica. Contudo, em Rio de Contas, um grupo de homens buscaram ressignificar o seu *fazer e viver*, instituindo novos espaços. Desse modo, outras instâncias além da escola também foram responsáveis por criar grupos de sociabilidade e lazer em torno da escrita. Assim, é interessante saber: quais os interesses que mobilizaram a proposição dessa sociedade? Quais os perfis dos sujeitos que faziam parte dessa instância? Qual o papel que a escrita e a leitura desempenhavam nessa instituição?

Club Rio Contense: agremiação de “homens de letras”

No início do século XX, em Rio de Contas, um grupo restrito de homens, possivelmente brancos¹² e que se dedicavam às letras, sob a coordenação do médico José Basílio da Rocha¹³, se reuniram para fundar, em janeiro de 1902, o *Club Rio Contense*. Ao refletir sobre os interesses que mobilizaram esses homens a criar um Club, pode-se pensar que essa instituição estaria inserida num projeto que tinha como meta buscar retomar o desenvolvimento da cidade, que se encontrava estagnado com a decadência da produção aurífera. Ou seus idealizadores, pautados nos ideais cristãos, buscavam promover a assistência e a instrução aos menos favorecidos como uma das vias de “civilizar” a sociedade. O estatuto, no primeiro capítulo, explícita os seus objetivos:

10 Entre as novas interpretações historiográficas, Neves (2008) mostra que não havia isolamento sertanejo, visto que existia comunicação do sertão baiano com outros espaços não somente internos, mas também externos à capitania da Bahia, fato que é percebido, sobretudo, na análise da criação de gado e da mineração; o primeiro formado por uma “rede de comunicações”.

11 Minas do Rio de Contas, mesmo ainda sendo vila, tornou-se sede de comarca desde 1745. Foi elevada à categoria de cidade em 1885. Muitas décadas depois, em 1931, o município passou a denominar-se Rio de Contas (ARAKAWA, 2006). Situa-se na parte meridional da Chapada Diamantina, na vertente ocidental da Serra das Almas, e compreende áreas baixas, recobertas de caatinga, e chapadas elevadas com vegetação tipo “gerais”, cujo clima é considerado ameno. Fica a 563 km da capital do Estado.

12 A Vila de Rio de Contas, antes da abolição da escravatura, participou de um intenso comércio interprovincial fornecendo mão de obra escravizada para as plantações de café em São Paulo. Ver o trabalho de Pires (2007).

13 Médico, político e orador, Basílio da Rocha formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia, em 1898, e exerceu sua atividade profissional em Rio de Contas. Nesta cidade, foi também intendente, em 1928. Faleceu em 1943 (ARAKAWA, 2006, p. 187-192).

Art. 1º - Instituído na cidade de Minas do Rio de Contas, o Club Rio Contense a agremiação de todas as pessoas admittidas de accôrdo com o presente estatuto, e tendo por fins: § 1 Fundar e manter uma Bibliotheca.

§ 2º Criar aulas noturnas e diurnas

§ 3º Estabelecer sessões instructivas

§ 4º Ter uma sala especial para jogos lícitos e outra para exercicios de esgrima e gynastica

§ 5º Organizar uma secção de beneficência denominada Bolsa de caridade para os seguintes fins:

A - Socorro dos enfermos

B - Auxiliar as creanças para frequentarem as escolas

[...] (Estatuto do Club Rio Contense 1902)¹⁴ (Grifos no original).

O estatuto evidencia a relevância dada à criação e manutenção de uma biblioteca, bem como à educação escolar pensada nos moldes de uma “escolarização como projeto de civilização”¹⁵. A relevância e o destaque conferidos à formação letrada podem ser percebidos na redação dos três parágrafos iniciais do primeiro capítulo Art. 1º do estatuto, fato que pode ser observado na ênfase conferida pelos grifos. Dessa maneira, é significativo pensar que essa nova sociabilidade instituída na cidade tinha nas práticas letradas como ponto de referência a proposta de educar e instruir a população, instituindo, assim, um novo modelo de sociedade. Essa sociedade estava embasada no ideário republicano de “desenvolvimento” e “progresso” advindo com o novo regime político. Nesse processo, considerando que havia a necessidade de se constituírem um povo e uma nação civilizada, as elites brasileiras buscavam inspiração na Europa, tida como referência de civilização, por isso o interesse pelos *espaços de sociabilidade*, pelo idioma, livros e autores franceses¹⁶. Em 1919, o estatuto do Club passou por modificações, como, por exemplo, criar e manter um grupo dramático e fundar uma filarmônica. Essas ações culturais tiveram ampla atuação na cidade.

O Club possuía um emblema composto pelo desenho de um livro aberto, tendo no centro um coração e ao lado uma pena, com as iniciais I e C, que significam, respectivamente, instrução e caridade, lema do clube. Na sequência vinha o nome Rio Contense. Esse emblema era impresso nos papéis oficiais, como o diploma, e aparece também, na fachada externa do prédio onde funcionava a instituição, na parte superior, do lado esquerdo. Por sua vez, do lado direito da fachada vinha o desenho de uma mesa de bilhar.

Outro símbolo do Club foi a bandeira com faixas horizontais nas cores azul, amarela e verde. No Centro a presença do livro com o coração acompanhada dos dizeres: “Littero, re-creativo e beneficente”. Pode-se pensar na ideia do livro em branco com a pena como uma, possível, condição para se escrever a história da instrução dos menos favorecidos por meio da caridade. Sobre as associações de cunho literário e cultural que se estabeleciam no Brasil,

14 Prefeitura Municipal de Rio de Contas – Arquivo Público Municipal, Fundo: Clube Rio Contense. Notação: Estante: 03 Caixa:04. Sistema Estadual de Arquivos /Bahia. Documentos da sessão da assembleia geral e diretoria do Club Rio Contense (1907-1984).

15 Ver o estudo de Veiga (2002).

16 Veloso; Madeira (1999).

Schapochnik (2005) nos informa:

Também se converteram em espaços de convivialidade e reiteração dos vínculos identitários. Sobejamente mediados pela cultura letrada disponibilizada aos seus associados sob a forma de fundos variados, quer no número de volumes e exemplares, quer na disponibilidade de autores e temas, materializados em livros encadernados, brochuras e periódicos nacionais e estrangeiros (SCHAPOCHNIK, 2005, p. 236).

Em Rio de Contas, o Club se destacava como um *lócus* onde se articulariam “saber e poder” pois, para esse restrito grupo de homens, era importante conhecer para controlar e saber para se distinguir da massa de iletrados ou mal letrados. Posteriormente, houve uma ampliação do número de associados, conforme destaca o relatório: “o club possui um total de 111 socios efetivos” (RELATÓRIO, 1918, s/nº)¹⁷. Para fazer parte dessa sociedade, o sócio deveria possuir, ainda, outros marcadores sociais, além de saber ler e escrever, como, por exemplo, arcar com as despesas do ingresso na sociedade, ter disponibilidade de tempo para se dedicar às práticas da caridade com a população necessitada.

Esses homens exerciam as funções de, por exemplo: coronel, advogado, médico, comerciante, cônego e professor. Mostra o comunicado de um associado: “Tendo de seguir para Portugal, onde pretendo demorar-me por alguns meses, venho por meio do presente, participar a esta digna Directoria, apresentando as minhas despedidas e oferecendo os meus poucos e diminutos prestimos” (ATA, 14/02/1907). Esse comunicado fornece uma amostra do perfil econômico de alguns de seus membros, pois uma viagem longa ao exterior não era possível para pessoas de camadas menos favorecidas da sociedade. Desse modo, é possível inferir/afirmar que os sujeitos participantes do Club, na sua maioria, eram parte de uma elite econômica e social, cujas riquezas eram comumente provenientes de heranças familiares e estavam vinculadas à propriedade da terra e à prática das atividades comerciais.

Para fazer parte da agremiação, o pretendente deveria ser indicado por um associado, além de passar pela avaliação do grupo para constatar se o candidato atendia aos critérios exigidos. Segundo o Estatuto, havia quatro tipos de sócios: efetivo, contribuinte, benemérito e protetor. Essa “hierarquia entre os associados”¹⁸ gerava distinção entre os grupos que possuíam privilégios diferenciados a depender do valor da sua contribuição. Consta no livro de sócios do Club (1902-1970) a identificação dos membros, com o nome, a categoria do associado, profissão, residência, data de admissão, pagamento da joia, assinatura, e outras observações. Esses registros evidenciam que havia por parte da instituição uma forma de controle do perfil dos sujeitos que faziam parte da sociedade, considerando que ela funcionava como “uma vitrine para demonstração de poder, prestígio e distinção social. Pode-se afirmar que a participação desses homens públicos era o que conferia distinção e relevância ao Club Rio Contense perante a sociedade” (MARINHO, 2017, p. 145).

A produção da escrita no Club: O que se escreve?

Pensar a produção da escrita do Club nos leva a entender que ela possui uma historicidade, sobretudo que é necessário considerar as especificidades desse espaço de produção para entender quais foram as suas funções nessa instância. Assim, faz-se uma pergunta inspirada nas proposições de Darnton (1992): *O que se escrevia* nessa instância? Pode-se afirmar que a escrita possuía uma “funcionalidade interna” (VIÑAO FRAGO, 1993), visto que ela esteve fortemente presente nas práticas do Club e desempenhou diversas funções, como, por exemplo, a **função administrativa e contábil**. A escrita administrativa refere-se aos registros do seu cotidiano, como, por exemplo, as atas, enquanto a contábil se refere ao controle dos recursos

¹⁷ Prefeitura Municipal de Rio de Contas – Arquivo Público Municipal. Fundo: Clube Rio Contense. Notação: Estante: 03, Caixa: 04, maço: 02. Sistema Estadual de Arquivos /Bahia.

¹⁸ Schapochnik (2005).

financeiros para realizar as atividades do Club, sobretudo dos pagamentos feitos pelos associados. Dessa maneira, essa dimensão da escrita teve relevante papel na vida da instituição, o que pode ser evidenciado pela existência de 12 livros-caixa referentes ao período de funcionamento (1901 a 1980). Existem também os registros dos valores recebidos por meio da venda de bilhetes da loteria para pagamento das despesas com aluguel da sede da instituição, pagamento do zelador, entre outras. Além disso, registravam-se gastos com a aquisição de materiais como cadeiras, estantes, livros, assinatura de jornais, tipografia, encadernação, penas de aço, capas, entre outros itens relacionados com a produção da escrita e leitura que foram adquiridos em diferentes cidades do Estado, como, por exemplo, Caetité, Feira de Santana e Salvador.

Fizeram parte, também, da escrita administrativa e contábil os “livros da Thesouraria da Bolsa de Caridade” (1909-1920), que contam com cinco exemplares. Esses eram destinados aos registros de receitas e despesas, o que os torna uma fonte rica de informações, pois permitem conhecer as estratégias criadas pela sociedade para angariar recursos financeiros necessários à manutenção das ações assistencialistas. Pode-se constatar, a partir do Livro-Caixa da Bolsa de Caridade, que os recursos, na sua maioria, eram empregados no auxílio dos “menores” [crianças] provenientes de família com poucas ou nenhuma condição financeira, assim como no funeral de indigentes, despesas com remédios na farmácia, entre os quais se destacam Emulsão Scott e vermífugos. Existiu ainda o Livro de Comissão para angariar donativos (1928-1931). Esse manuscrito foi organizado especificamente para registrar os recursos obtidos para a construção da sede do Club.

Sabe-se que, no Brasil, desde meados do século XX, os gabinetes, bibliotecas ou clubes literários tinham como um dos objetivos criar ou ofertar aulas, portanto constituíam importantes espaços de instrução. O Club não chegou a instituir até 1930 as aulas noturnas e diurnas, conforme consta no estatuto. Entretanto, a bolsa de caridade foi amplamente requisitada, cumprindo com uma das suas funções filantrópicas: “auxiliar as crianças para frequentarem as escolas”, prática que teve notável destaque na história do Club. Essa ação ficava sob a responsabilidade das esposas dos sócios, tendo sido designada uma comissão:

composta de tres dos directores do Club Rio-Contense, abaixo firmados, incumbida de estudar um meio mais pratico e mais proveitoso, afim de auxiliar esta bolsa de caridade, opina pela criação de dez *gasophilácios*¹⁹, para serem colocados em dez casas commerciaes, d’esta cidade, à cujos proprietários deve-se pedir o respectivo consentimento, dirigindo-se-lhes na mesma ocasião e a cada um de per si um bem redigido officio (ATA, 14/02/1907).

Percebe-se que o Club utilizou estratégias diversificadas no sentido de angariar fundos que pudessem ampliar o atendimento das bolsas de caridade. Um exemplo dá-se pela utilização de caixas de coleta de dinheiro distribuídas pelas lojas comerciais da cidade e região que deveriam ser acompanhadas de uma nota esclarecendo: “Um obulo para a bolsa caridade, que tem por fins proteger a infância e aos enfermos desvalidos” (ATA, 14/02/1907). No Brasil, a prática da caridade esteve associada às ações assistencialistas realizadas por instâncias religiosas e culturais, geralmente desenvolvidas pela elite. A intensa campanha do Club para angariar recursos nos instiga a pensar que havia uma demanda considerável de pessoas que solicitavam esse benefício. Nos documentos e papéis lidos em sessões da Assembleia Geral do Club consta também solicitação escrita encaminhada por mulheres viúvas pedindo auxílio para os filhos órfãos por meio da bolsa de caridade. Essas solicitações mostram que se trata de escritos redigidos por terceiros, que desempenhavam o papel de escreventes²⁰. Como evidencia a carta:

19 Segundo o dicionário, “*gazophylácio*” ou “*gazofilácio*” tem o seguinte significado: 1. Lugar em que, no templo, se guardavam os vasos sagrados e se recolhiam as oferendas. Por extensão, tesouro (SÉGUIER, 1928, p. 526).

20 Ver Kalman (2003).

Illmos. Srs. Presidente e mais membros da Directoria do Club Rio-Contense.

Achando-me gravemente enfermo e na mais triste indigência, venho implorar uma esmola à “Bolsa de Caridade”, filiada d’este Club de que sois competentes Directores, para que eu possa entrar em uso de remédios afim de vêr se alcanço alguma melhora.

Convicto de que meu pedido será atendido, agradeço-vos suplicando a Deus que permita ao Club e a ‘Bolsa de Caridade’ uma existência longa, cheia de prosperidades para arrimo e proteção dos necessitados como eu.

De V. S^{as}. humilde respeitado

Minas do Rio de Contas, 20 de maio de 1915.

A rogo de Apolinario José do Nascimento Hermes Santos²¹.

Vê-se que a bolsa de caridade funcionava como um órgão assistencialista vinculado ao Club que cumpria papel de atendimento aos necessitados. É interessante observar como a escrita mediava essas ações; ao que tudo indica, a solicitação por escrito era uma condição para atendimento do pedido. Assim, o pleiteante à bolsa participava, de algum modo, do universo letrado, ao relatar a sua situação para o redator da carta, que posteriormente era lida em voz alta para o relator. Se fosse contemplado, o solicitante adquiria uma caderneta com o seu nome, e o nome da protetora responsável por acompanhar o beneficiário. Nela constava também em que foi empregado o dinheiro da bolsa, bem como os valores pagos mensalmente. Vemos, assim, que o Club pautou suas ações pelo registro escrito, obviamente os homens de letras sabiam que esses registros possuíam valor legal, tanto que eles foram preservados.

Ainda sobre as estratégias utilizadas pelo Club no sentido de angariar fundos para a manutenção da Bolsa de caridade, encontramos um texto datilografado em que o presidente da instituição faz um apelo à comunidade para que colabore doando materiais escritos, como livros, cadernos, e outros que contribuíssem com a “instrução” da população, visando ao almejado progresso da cidade e da sua população. Assim diz:

Representando, ainda que indignamente, o Club Rio-Contense, do que tenho intima satisfação de ser humilde presidente, venho rogar a vossa excelencia que se digne acolher o pedido de um auxilio qualquer a esta util associação. Fundada ja ha cinco annos mantem-se pelas contribuições dos associados; não pode, porem, desenvolver-se [...]. De character exclusivamente litterario e recreativo dos associados, abrangendo porem, uma secção de beneficência- Bolsa de Caridade- em beneficio das creanças, que pela extrema pobreza de seus paes não possam frequentar as escolas. Portanto, solicitamos doações de livros, jornaes, revistas que favorecem o desenvolvimento da biblioteca- compendios- livros escolares e mappas geographicos que possam servir a instrucção dos sócios e para distribuição pelas escolas publicas,

21 Prefeitura Municipal de Rio de Contas – Arquivo Público Municipal, Fundo: Club Riocontense. Notação: Estante: 03 Caixa:04. Sistema Estadual de Arquivos /Bahia. Fundo: Club Riocontense (1902-1980), Caixa: 07, Maço: 01.

tudo quanto vosso amor ao progresso, ao adeantamento do espirito humano e a levantamento do nivel moral e intelectual de nossas populações, poder inspirar-vos tudo aceitaremos agradecidos, registrando as offertas nas actas de nossa sessões, como outros tantos títulos de benemerencia para com a instrução em geral, e em particular para com este club.

Minas do Rio de Contas 10/01/1907.

Marcelino José das Neves²²

No discurso, o presidente solicita aos que dispõem de recursos financeiros que contribuam doando materiais didáticos que servirão na “instrução” das crianças, condição associada à ideia de progresso do país e ao desenvolvimento moral e intelectual da população, e para tanto vincula essa ação a um gesto de benemerência para com os menos favorecidos. Pode-se dizer, utilizando as palavras de Jean Hébrard, que essa elite local possuía uma ideia de “livro educador”, que “inscreve-se perfeitamente na filosofia das Luzes, mas permanece também um dos dados essenciais do discurso pedagógico do século XIX” (HÉBRARD,1996, p. 72). A leitura não é um ato em si mesmo. Há que se atingir algum objetivo e, nesse caso, o fim almejado era a “civilização”, que culminaria com o “progresso”.

Outra função da escrita no Club foi na dimensão **social e cultural**, que se refere aos registros destinados a informar a realização das suas ações. Essa comunicação acontecia tanto interna, para os membros da sociedade, quanto externa, destinada a um público maior e mais distante. Podia acontecer ainda de forma manuscrita como impressa. De forma manuscrita pode-se dizer do Livro de visitas (1906-1942), no qual as pessoas, geralmente aquelas vindas de outras cidades, deixavam registradas as suas impressões acerca da instituição. Esse livro ficava na sala principal, sobre uma mesa, e estava sempre aberto. Um relato nele inscrito destaca a ordem, a limpeza e a boa disposição dos objetos pelas diversas secções de recreação. Um dos visitantes que nele fez registro de sua visita destacou, também, o cavalheirismo e a atenção a ele dispensados pelo presidente, ressaltando ainda que ficou encantado em ver uma manifestação expressiva de assistencialismo por parte da associação, visto que não cuidavam apenas das diversões, “mas que em tudo querem mostrar seu sentimento christão! Refiro-me a uma Caixa de Caridade (grifos no original) resultado da qual se dão roupas aos meninos pobres e socorrem-se os desvalidos Monsenhor Zacarias”²³.

Ainda nessa dimensão da escrita, vale destacar que o Club manteve uma rede intensa de contatos com os próprios sócios, com pessoas e instituições de diferentes lugares do Brasil, contatos que eram estabelecidos por meio da troca de correspondências. No livro de registro de Correspondência (1906-1983), notou-se, em especial, o contato com as autoridades políticas em nível estadual e nacional. Esses contatos visavam, sobretudo, a conseguir recursos para implementar melhorias no Club ou na cidade. Como exemplo, pode-se citar o contato estabelecido em 1927 com Anísio Teixeira, que à época ocupava o cargo de Instrutor da Educação Pública na Bahia, solicitando que nomeassem professores para a cidade. As comunicações estabelecidas e firmadas por meio de cartas, telegramas, correspondências, cartões de pêsames, de felicitações e convites mostram que, no Club, havia uma intensa produção da escrita manuscrita e impressa.

Quanto à escrita impressa, ela servia para comunicar a um público maior - os sócios da instituição e a comunidade em geral. Por meio da impressão de folhetos divulgavam convites, comunicados, programação de peças teatrais, festas e outros eventos. Era frequente a publi-

22 Prefeitura Municipal de Rio de Contas – Arquivo Público Municipal, Fundo: Club Riocontense. Notação: Estante: 03 Caixa:04. Sistema Estadual de Arquivos /Bahia.

23 Prefeitura Municipal de Rio de Contas – Arquivo Público Municipal, Fundo: Club Riocontense. Notação: Estante: 03 Caixa:05. Sistema Estadual de Arquivos /Bahia. Livro de Visitas, Minas do Rio de Contas, 04/10/1906, p. 02.

cação de convites, visto que se destinavam a diferentes situações, como os convites para a posse da nova diretoria do Club e também em situações de manifestação pública pela presença de autoridades na cidade. A sessão comemorativa ao 13 de maio, a sessão comemorativa ao Dois de Julho, a sessão comemorativa ao 15 de novembro, além de diferentes atividades cívico-religiosas que ocorriam na cidade, como o primeiro centenário da comarca (28/08/1933) e a recepção do novo pároco (21/11/1927) são exemplos dos momentos em que a escrita impressa se fazia presente nas atividades do Club. Deve-se destacar que, nos panfletos, além do convite ou comunicado, constava ainda o trajeto do percurso festivo, que seria acompanhado pelas filarmônicas locais, bem como se informavam a data, horário, tipo de trajes e demais informações necessárias para a efetiva organização do evento e a participação da comunidade. Possivelmente, a intensidade e a frequência com que o Club produziu os materiais impressos vinculam-se ao fato de que na cidade existia uma tipografia. O Club utilizava, também, os jornais locais para divulgar notas informativas sobre suas ações.

Quadro 01. Suportes utilizados para comunicação estabelecida pelo Club em 1919

Tipo de suporte	Quantidade
Ofícios recebidos	08
Ofícios expedidos	154
Cartas recebidas	20
Cartas expedidas	23
Telegramas expedidos	06
Recibos arquivados	82
Cartões e convites recebidos	35
Total	328

Fonte: Dados retirados do relatório do Club de 1919.

Esses documentos evidenciam que o Club utilizou diferentes suportes de escrita, tanto de forma manuscrita como impressa, para manter contato com pessoas e instituições. Além disso, é também possível constatar que a instituição produziu e recebeu durante o ano de 1919 um elevado volume de escrita, num total de 328 suportes de textos. Esses dados reafirmam a ideia do Club como uma instância de produção e circulação de diferentes tipos de escritas.

Os convites foram outra prática de escrita do *Club Rio Contense* visto que era comum o seu envio e recebimento para participação em eventos na comunidade de diversas ordens, política, econômica, social e cultural. O fragmento abaixo mostra o comunicado encaminhado à diretoria por um professor:

Tencionando comemorar o meu 40º anno lectivo, em 3 de novembro proximo, com uma festa civica infantil, conforme o programa que junto a estes versos, e, desejando que os actos sejam solennisados por pessoas de letras e que sabem dar valor as festas litterarias, venho convidar essa digna directoria para fazer parte do referido festejo, muito especialmente na sessão litteraria, onde espero que o Orador dessa corporação se faça ouvir.

Reitero-vos os meus protestos de estima.

Francisco José de Sant 'Anna-professor público vitalício cidade de Minas de Rio de Contas 19/10/1916²⁴.

24 Prefeitura Municipal de Rio de Contas – Arquivo Público Municipal, Fundo: Club Riocontense. Notação: Estante: 03 Caixa:02. Sistema Estadual de Arquivos /Bahia.

Conforme se pode verificar no trecho, o Club era reconhecido na cidade pela sua função ou pela sua importância como instituição vinculada à cultura letrada, estabelecendo relações com as instituições escolares. Desse modo, ter uma pessoa do Club participando do evento festivo da escola elevava ainda mais o ato comemorativo diante da comunidade escolar. Vale mencionar que o professor, autor do convite, também era membro do Club, o que evidencia as sociabilidades estabelecidas entre as instituições pertencentes ao universo das letras em Minas de Rio de Contas.

Pode-se dizer que, de modo geral, todas as ações do Club estavam vinculadas à produção da escrita. O Livro da criação da filarmônica Guarany (1920), o Livro de atas das Sessões do Sport Clube Rio Contense (1921-1922), o Livro de atas das sessões da directoria da Empresa Rodoviária Minas do Rio de Contas (1930) mostra que o Club não restringiu a sua atuação à esfera cultural, mas realizou ações nas áreas literária, diversão (esporte e lazer) e caridade. A agremiação também diversificou as ações, atuando, sobretudo, na criação de empresa de transporte. Essa ação endossa a hipótese apresentada no início deste texto de que o Club pretendia de alguma forma alavancar o desenvolvimento da cidade, que se encontrava estagnada desde a decadência da mineração em período anterior.

As práticas de leitura na biblioteca do Club

A pesquisa de Nelson Schapochnik (2005) sobre a circulação de livros e os lugares da leitura no Brasil, no século XIX, definiu, de acordo com os estatutos, três modalidades de bibliotecas: as públicas, as associativas e as populares. A partir dessa classificação, interessam-nos as associativas, por ser o caso da biblioteca do *Club Rio Contense*. Segundo o pesquisador, essas sociedades eram constituídas pelos gabinetes de leitura, que geralmente tinham um caráter privado, implicando o pagamento de joias e de ações. O autor destaca, ainda, que elas foram implementadas no Brasil pelas comunidades estrangeiras. Normalmente a leitura acontecia na própria instituição, como também “favorecia o empréstimo externo das obras. Eventualmente fornidas de bilhares e bares, as associações culturais não raro, também se converteram em espaços de convivialidade e de reiteração dos vínculos identitários” (SCHAPOCHNIK, 2005, p. 236).

Conforme estabelecido no estatuto do Club, fundar e manter a biblioteca constituía um dos seus principais objetivos. O acervo da biblioteca foi formado a partir de doações feitas pelos associados e também por exemplares adquiridos pela instituição. Conforme definia o estatuto, em seu Art. 5º, para realizar os fins a que se propunha, o Club reunia um capital proveniente de joias, mensalidades e donativos (ESTATUTO, 1902, p. 1). Segundo relatos orais, na biblioteca existiam mais de setecentos volumes (ARAKAWA, 2006).

Esse espaço se caracterizou pelo cunho associativo e funcionava como lugar de sociabilidade essencialmente masculina. No que se refere às práticas de leituras, verifica-se que elas podiam acontecer nesse local, ou os sócios podiam retirar os livros e levá-los para a leitura no ambiente doméstico. O estatuto, no § 2º do Art. 56º, estabelecia que os livros poderiam ser emprestados num prazo de 20 dias para os moradores residentes na cidade e aos demais o prazo era de 30 dias. Havia também a prática dos empréstimos de jornais e revistas que eram feitos por um prazo de devolução de até três dias. Essa prática, possivelmente, possibilitou que o público feminino também tivesse acesso à leitura, considerando que esse tipo de material era preferido das mulheres. Apesar disso, é possível afirmar que, de algum modo, “os homens exerceram o papel de mediadores na circulação dos livros no interior das moradas” (SCHAPOCHNIK, 2005, p. 239), controlando as leituras que eram definidas como adequadas para as mulheres.

A prática dos empréstimos dos livros revela que no Club havia circulação de materiais escritos, aliada ao estímulo da leitura dos sócios. Para tanto, a direção da instituição desenvolveu ações de controle do acervo, colando em cada exemplar um lembrete impresso que avisava ao leitor: “Atenção! A diretoria pede para ler este livro no prazo de 30 dias e ter com ele o máximo cuidado para sua conservação”²⁵. Outra prática de controle do acervo, foi, por

25 Trata-se de um aviso que era colado nos livros da biblioteca.

exemplo, a impressão de um folheto²⁶, em 1929, no qual constam os nomes dos livros e a quantidade de exemplares que se encontravam extraviados, e havia a solicitação aos consórcios que estivessem da posse de algum dos exemplares para fazer a devolução ou informar a quem estivesse com algum dos livros que a fizesse. Na relação de livros extraviados constam 29 livros pertencentes a diferentes esferas do conhecimento, tais como política, história geral, história do Brasil e literatura, sendo essa última com o maior número de exemplares. Entre eles foram identificados os seguintes títulos: *A menina bonita do arrabalde*, com cinco exemplares, e o livro *Maria a desgraçada* com quatro exemplares; os demais com apenas um exemplar. A campanha indica que, apesar do controle, os livros eram retirados da biblioteca de forma indevida. Por outro lado, tal prática evidencia que havia, por parte de alguns membros dessa sociedade, interesse pelas leituras.

No acervo da biblioteca destaca-se considerável presença de livros de História, tanto do Brasil, como de Portugal. Como exemplos podemos citar o livro de Felisbello Freire, 1906; História da fundação do Império brasileiro, de Portugal; História de Portugal, de Rebelo da Silva; A Pátria, de Guerra Junqueiro, que são publicações do final do século XIX e início do século XX. Havia também publicações sobre agricultura, Constituições do Brasil, dicionários históricos e estatísticos, livros em francês, filosofia, educação, aritmética, Centenário do 2 julho de 1923, Revista Ilustração Brasileira, entre tantos outros.

A literatura histórica, no século XIX e início do XX, constituía parte integrante e precípua da biblioteca de um erudito, conforme cita Lima Barreto no seu romance autobiográfico *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Ao tratar da biblioteca existente na residência do sujeito-narrador, Lima Barreto afirmou que, em relação à “História do Brasil, era farta a messe: [...] Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, Saint-Hilaire além de outros mais raros ou menos famosos [...]” (BARRETO, 2002, p.16). Vê-se que, nesse período da História do Brasil, havia uma necessidade preeminente da discussão sobre a ideia de nacionalidade, portanto conhecer e argumentar sobre a História Pátria era a condição primordial para que os eruditos pudessem apontar caminhos para o país seguir rumo ao progresso e ao desenvolvimento.

O *Club Rio Contense* manteve também a prática da assinatura anual de periódicos²⁷ de vários estados do país e até mesmo do exterior. Entre os nacionais estavam a revista *Malho*, do Rio de Janeiro, o jornal *Diário de Notícias*, da Bahia, o “*Diário da Bahia*”, o *Jornal “A Tarde”* da Bahia; do exterior contava-se com o periódico “*Mala da Europa*”, publicado em Lisboa. Os jornais, especificamente, foram veículos importantes na difusão da leitura junto a um número maior de cidadãos e estão diretamente relacionados ao surgimento/crescimento entre nós da prática da leitura extensiva, por meio da qual o leitor estabelece uma relação com o escrito mais “livre, desenvolta e irreverente”²⁸. Apesar de ler muito e de forma diversificada, isso não significa que o leitor extensivo não se aprofunde nessas leituras.

A leitura como uma prática social formativa esteve presente em diversos momentos dessa instância, especialmente, como forma de deleite do grupo, conforme lembra um seu antigo frequentador: “todos os dias à noite, figuras da sociedade riocontense se dedicavam à leitura de jornais, vindos com regularidade de Salvador e do Rio de Janeiro, dispostos numa mesa ampla no salão de leitura do Club” (ARAKAWA 2006, p. 288). Esse modo de ler de forma silenciosa e individual, até então, era uma prática das elites letradas, e acontecia em um espaço voltado para tal ação, visto que eram exigidos silêncio e ordem, tanto de seus associados quanto dos funcionários ali presentes.

26 Prefeitura Municipal de Rio de Contas – Arquivo Público Municipal, Fundo: Club Riocontense. Notação: Estante: 03 Caixa:02. Sistema Estadual de Arquivos /Bahia.

27 O estudo de Frutuoso (2016), referente ao período pós-independência, revelou a importância dos jornais para a população, visto que eles tanto influenciaram os indivíduos por meio da divulgação das ideias, quanto colaboraram para ampliar o vocabulário político dos seus leitores. Portanto, em Rio de Contas, os impressos foram uma instância de formação e mobilização social (FRUTUOSO, 2016).

28 Chartier e Cavallo (1998, p. 28).

Conclusões

Ao retomarmos as questões propostas no início do trabalho como: de que forma o Club colaborou, no início do século XX, com a produção e circulação do escrito, quais eram as funções que a escrita e a leitura desempenhavam nessa instância, constatamos que o Club colaborou de diferentes maneiras com a produção e a circulação do escrito na região do Alto Sertão da Bahia, uma vez que a escrita estava presente em seu cotidiano e desempenhou funções específicas, vinculadas aos fazeres do seu cotidiano (CERTEAU, 1994), e acontecia tanto de forma manuscrita como impressa. A escrita manuscrita tinha uma dimensão interna, visto que atendia ao controle dos atos administrativos, destacando-se a elaboração das atas, livro de empréstimos de livros, entre outros. Por sua vez, na escrita impressa era comum o uso de folhetos, que se destinavam à comunicação externa com o público da cidade e da região.

No geral, todas as atividades desenvolvidas por essa instância estavam embasadas na escrita e na leitura. Entre as várias atividades formativas destacam-se a realização das atividades culturais, como as sessões literárias, e as festas comemorativas. Vê-se que, como um espaço de leitura e sociabilidade, o Club se constituiu, sobretudo, como uma instância de formação e instrução, marcado por incentivos públicos e privados de uma elite que buscava atender, principalmente, aos seus interesses, mas tentou também amenizar as carências e dificuldades das classes menos favorecidas, realizando, para tanto, obras assistencialistas. Por outro lado, é importante destacar que o Club, ao longo do tempo, assimilou e criou outras instituições, entre as quais se destacam: a aquisição do teatro São Carlos, inaugurado em 1911, a criação da filarmônica Guarani, a criação do Esporte Clube Rio Contense, a criação da Empresa Rodoviária Minas do Rio de Contas (1930) e mais tarde a fundação do Ginásio Dr. Aloísio de Castro. Reunir essas diferentes instituições em torno do Club mostra que ele estava engajado com o projeto de desenvolvimento da cidade, sobretudo se considerarmos o declínio econômico e cultural trazido pelo fim da produção aurífera desde o início do século XIX.

Percebe-se que, em Rio de Contas, o processo de modernização da cidade, no início do século XX, esteve vinculado à criação de instâncias formativas que se pautavam na produção e circulação da leitura e escrita. A sua criação nos permite pensar “o quanto a cidade pode ser produzida e representada como lócus privilegiado ou não da ação educativa”²⁹, visando a atender aos interesses dessa elite que buscava organizar o espaço da cidade, pautado em referências dos ideais de desenvolvimento dos séculos XIX e XX. Assim, verifica-se que o Club exerceu uma efetiva participação na vida da sociedade riocontense, uma vez que ditou normas, definiu valores, orientou comportamentos e contribuiu efetivamente com o processo de socialização e divulgação das práticas de escrita e leitura na comunidade e na região do Alto Sertão Baiano.

Referências

AGULHON, Maurice. As sociedades de pensamento. In: VOVELLE, Michel. **França Revolucionária (1789-1799)**. São Paulo: Brasiliense; Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

ARAKAWA, Maria de Lourdes Pinto e. **As minas do Rio de Contas**. 1 ed. Salvador: a autora, 2006.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo, Martim Claret, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.
- CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas)
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter. (org). **A escrita da História novas perspectivas**. UNESP, 2ª ed. S. P., 1992. Tradução Magda Lopes.
- FARIA FILHO, Luciano M. Cultura escolar e cultura urbana. Perspectivas de pesquisa em história da educação. In: XAVIER, Libânia N. et. al (Orgs.). **Escola, culturas e saberes**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- FERREIRA, Tania M. T. B. da C. As bibliotecas cariocas: o Estado e a constituição do público leitor. In: PRADO, M. Emília (Org.). **O Estado como vocação**. RJ: ACCESS, 1999.
- FRUTUOSO, Marcelo. Circulação de impressos e antilusitanismo em Rio de Contas, Bahia (1822-1831). In: BESSONE, Tânia *et al.* (Orgs.). **Cultura escrita e circulação de impressos no oitocentos**. São Paulo: Alameda, 2016.
- GALVÃO, Ana Maria de O. *et al.* (Orgs.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GALVÃO, Ana Maria de O. História das Culturas do Escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HÉBRARD, Jean. Alfabetização e acesso às práticas da cultura escrita de uma família do Sul da França entre os séculos XVIII e XIX: um estudo de caso. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* (Orgs.). **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler?. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. SP: Liberdade, 1996.
- IVO, Isnara Pereira. **Homens de caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Séc. XVIII**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. SP: Brasiliense, 1991.
- KALMAN, Judite. **Escribir la plaza**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- MARINHO, Simone Ramos. **Club Rio Contense: sociabilidade, instrução e assistência no sertão republicano (Rio de Contas, 1902-1966)**. Doutorado em História, na UFBA, 2017.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história local e regional)**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008.
- PIRES, Maria de Fátima Novaes. **Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias. Escravos e ex-escravos nos sertões de sima- Rio de Contas e Caetité-BA (1860-1920)**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

REIS, Joseni P. Meira. **Letramento em uma instância religiosa: o caso do Centro Psychico de Caetité, Bahia (1905-1930)**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ROCHA, João Cezar. Elites no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

SÉGUIER, Jayme de. **Dicionário Prático Ilustrado: novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro**, 2. ed. Porto: Livraria Chardron, 1928.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Fontes para estudo da educação no Brasil-Bahia**. Universidade do Estado da Bahia, 2ª edição, Salvador, 2001-2002.

VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como processo de civilização. **Revista Brasileira de Educação**, n.21, p. 90-103, 2002.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras brasileiras**. SP: Paz e Terra, 1999.

VIÑAO FRAGO, Antônio. **Alfabetização na sociedade e na História: vozes, palavras e textos**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva *et al.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Recebido em 01 de setembro de 2020
Aceito em 19 de março de 2021